

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE MULHERES VIVENDO COM AIDS NO BRASIL

Priscila Paulino Monteiro¹
Sara Mirna Nogueira Rabelo²
Kauane Dias de Oliveira³
Beatriz Barboza Arruda⁴
Rebeca Pinheiro Pereira⁵
Dra. Vanessa Pinheiro Barreto⁶

RESUMO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) representa o estágio avançado da infecção pelo vírus HIV, que ataca principalmente as células TCD4+, comprometendo o sistema imunológico e tornando o organismo vulnerável a infecções oportunistas. Este estudo teve como objetivo analisar o perfil epidemiológico de mulheres com AIDS no Brasil, no período de 2019 a 2023, utilizando dados notificados ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação, obtidos através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. No período, foram registrados 45.845 casos, com maior frequência no ano de 2019 (25,04%) e queda expressiva em 2023. A maior parte das mulheres tinham de 40 a 49 anos, marcada pela baixa adesão ao uso de preservativos, estigmas sociais e diagnóstico tardio. Fatores como confiança excessiva no parceiro e a resistência em utilizar o preservativo aumentam a vulnerabilidade feminina. Além disso, mulheres que vivem com HIV/Aids enfrentam maiores desafios emocionais, como estigma e transtornos mentais. O estudo reforça a importância de estratégias de prevenção, educação em saúde e suporte psicossocial voltadas a todas as faixas etárias, com enfoque especial nas mulheres maduras, visando à redução de novos casos e ao fortalecimento do cuidado contínuo.

PALAVRAS-CHAVE: AIDS; Mulheres; Epidemiologia; Perfil de Saúde.

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é o estágio mais grave da infecção causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). É considerada uma infecção sexualmente transmissível (IST), podendo se manifestar somente após o período de incubação. Essa condição enfraquece o sistema imunológico, atacando-o como um todo, mas

¹FACULDADE VIDAL: e-mail: priscilapaulino760@gmail.com

²FACULDADE VIDAL: e-mail: saramirna74@gmail.com

³FACULDADE VIDAL: e-mail: kauanedias707@gmail.com

⁴FACULDADE VIDAL: e-mail: biabarboza098@gmail.com

⁵FACULDADE VIDAL: e-mail: pinheirorebeca41@gmail.com

⁶Professora orientadora. Doutora. FACULDADE VIDAL: e-mail: vanessapinheiro@favili.com.br

especialmente as células TCD4+, o que torna o organismo mais suscetível a infecções oportunistas. Dessa forma, ter o diagnóstico de HIV não é o mesmo que ter o diagnóstico de AIDS (TEIXEIRA *et al.*, 2022).

De acordo com estimativas, o número de pessoas vivendo com HIV/Aids no mundo tem aumentado ao longo dos anos. Em 2018, foi registrado um total aproximado de 38 milhões de pessoas infectadas, das quais cerca de 8 milhões não sabiam que estavam vivendo com o vírus HIV. Identificado entre os seres humanos há 42 anos, o HIV continua sendo um grande problema de saúde pública. As primeiras ocorrências foram registradas na África Central, nos Estados Unidos e no Haiti, entre 1977 e 1978. Dois anos após a descoberta da doença no mundo, em 1980, surgiram os primeiros registros no Brasil (GOULART *et al.*, 2021).

Apesar dos últimos dados mostrarem avanços nas iniciativas de prevenção e tratamento, em 2023, o Brasil registrou 46.495 novos casos de infecção por HIV em comparação ao ano de 2022 registrou-se um aumento de 2,5%. É importante conhecer o perfil epidemiológico dessa condição, em especial as mulheres uma vez que se tem como objetivo a redução das infecções relacionadas ao HIV, enfrentando estigmas quanto a desinformação e acesso desigual aos serviços de saúde. (Brasil 2022; Brasil 2023).

O objetivo do estudo foi analisar o perfil epidemiológico de mulheres vivendo com AIDS no Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico de natureza descritiva, com abordagem quantitativa, realizada através da análise de dados secundários.

Realizou-se uma análise de dados secundários obtidos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Foram extraídos dados referentes ao período de 2019 a 2023, considerando variáveis como faixa etária e ano de notificação dos casos. Os dados foram organizados em planilhas do *Microsoft Excel* e analisados de forma descritiva, com apresentação em tabelas.

Este estudo foi dispensado de apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa por não envolver seres humanos direta ou indiretamente. As informações analisadas são de domínio público e não há risco potencial aos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos foram expostos através de tabelas, as quais apresentam as quantidades e suas respectivas porcentagens.

De acordo com os dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), foram registrados 45.845 casos de AIDS no Brasil entre 2019 e 2023. Nesse período, observou-se um pico de registros em 2019, com 11.481 casos (25,04%), seguido de um declínio em 2020, com 8.878 casos (19,36%), essa redução pode estar associada à subnotificação e à sobrecarga dos sistemas de saúde durante a pandemia de COVID-19, que impactou significativamente o diagnóstico de diversas doenças, incluindo o HIV/AIDS (BRASIL, 2021; UNAIDS, 2021).

Nos anos de 2021 e 2022, houve novo aumento, com 10.169 (22,18%) e 10.623 (23,17%) casos, respectivamente. Já em 2023, ocorreu uma queda significativa, atingindo o menor número do período: 4.702 casos, como é possível observar na tabela 1.

Tabela 1 - Casos de AIDS em mulheres identificados no Brasil no período de 2019 a 2023.

| Ano do diagnóstico | n | % |
|---------------------------|---------------|-------------|
| 2019 | 11.481 | 25,04% |
| 2020 | 8.878 | 19,36% |
| 2021 | 10.169 | 22,18% |
| 2022 | 10.623 | 23,17% |
| 2023 | 4.702 | 10,25% |
| Total | 45.853 | 100% |

Fonte: Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

Na Tabela 2, a frequência dos casos de AIDS foi analisada através da faixa etária. Foi possível evidenciar que a faixa etária que mais se destacou foi mulheres de 40 a 49 anos, com 12.214 casos, o que corresponde a 26,64%.

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica de mulheres vivendo com AIDS no Brasil, 2019 – 2023.

| Variáveis | n | % |
|---------------------|---------------|-------------|
| Faixa Etária | | |
| <5 anos | 482 | 1,05% |
| 5 – 12 | 200 | 0,44% |
| 13 – 19 | 1.036 | 2,26% |
| 20 – 24 | 3.171 | 6,92% |
| 25 – 29 | 5.020 | 10,95% |
| 30 – 34 | 5.682 | 12,39% |
| 35 – 39 | 6.429 | 14,02% |
| 40 – 49 | 12.214 | 26,64% |
| 50 – 59 | 7.521 | 16,40% |
| >60 anos | 4.097 | 8,93% |
| Total | 45.852 | 100% |

Fonte: Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

Em relação à faixa etária, observa-se que a maior frequência de casos durante os anos analisados foi em mulheres de 40 a 49 anos. Esse quadro está relacionado à baixa utilização de preservativos entre mulheres nessa faixa etária, bem como a um conhecimento limitado sobre prevenção. Além disso, existem barreiras como o estigma e os tabus sociais em relação à sexualidade e à incidência de AIDS nesse grupo. Esses fatores contribuem para o diagnóstico tardio, o que representa um fator de vulnerabilidade, uma vez que retarda o início do tratamento e favorece a disseminação do vírus para outras pessoas (Nierotka e Ferretti, 2023).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca que pessoas vivendo com HIV/aids enfrentam uma série de desafios específicos, sendo o estigma e a discriminação alguns dos mais significativos — inclusive em países com alta prevalência da doença, onde um grande número da população é afetado. O medo da rejeição faz com que muitos pacientes relutem em revelar seu diagnóstico, o que intensifica sentimentos de isolamento. No caso das mulheres, discutir a aids se torna ainda mais complexo, pois envolve aspectos sensíveis como casamento, maternidade, sexualidade e relações de gênero, todos fortemente ligados à prevenção do HIV.

O diagnóstico representa um grande impacto, gerando traumas físicos, emocionais e sociais, e a forma como cada mulher reage às transformações decorrentes da doença depende tanto de sua personalidade quanto de seu contexto sociofamiliar (Carvalho e Galvão, 2008).

A literatura mostra que a muitos homens utilizam preservativos apenas no início dos relacionamentos, abandonando o método quando acreditam que a parceira é fiel (mesmo que eles próprios mantenham relações extraconjugais). Por outro lado, as mulheres, influenciadas por uma visão de amor ligada à confiança no parceiro, tendem a subestimar os riscos de infecções sexualmente transmissíveis. Essa confiança excessiva, aliada ao receio de gerar conflitos ou terminar o relacionamento, dificulta a negociação pelo uso do preservativo, especialmente quando acreditam na fidelidade do parceiro (Campany, Amaral, Santos, 2021).

CONCLUSÃO

Com a análise dos dados, pode-se observar que o número de casos foi crescendo com o avanço da faixa etária, por se tratar de uma geração que, muitas vezes, não está habituada ao uso de preservativos. Embora a sexualidade ainda seja um tabu em idades mais avançadas, é fisiologicamente algo saudável e natural. Por isso, faz-se indispensável a propagação de informações para os diversos intervalos etários. Além disso, a significativa redução de notificações em 2020 e 2023 pode estar relacionada ao impacto da pandemia de COVID-19 sobre os serviços de saúde e a testagem.

Dito isto, o HIV/Aids ainda é marcado por estigmas que afetam a saúde mental e dificultam o acesso ao tratamento. Fatores como efeitos colaterais, falta de apoio familiar e transtornos mentais prejudicam a adesão à terapia. Por outro lado, a modificação de crenças disfuncionais sobre a doença e o tratamento, o apoio social e o bom entendimento da condição de saúde favorecem a continuidade do tratamento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2021**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/dezembro/01/boletim-epidemiologico-especial-hiv-aids-2021.pdf>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2022**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf/@download/file. Acesso em 11 de maio.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2023**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2023/hiv-aids/boletim-epidemiologico-hiv-e-aids-2023.pdf/@download/file>. Acesso em 11 de maio.
- BRASIL, R. de A.; DE OLIVEIRA, S. P.; AZÊDO FILHO, I. da S.; LOPES, G. de S. ÍNDICE DE HIV E AGRAVOS NO BRASIL DE 2018 A 2022. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 3, n. 12, p. 31130–31150, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N12-321. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2831>. Acesso em: 8 maio. 2025.
- CARVALHO, C. M. DE L.; GALVÃO, M. T. G.. Enfrentamento da AIDS entre mulheres infectadas em Fortaleza - CE. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 1, p. 90–97, mar. 2008. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/90.pdf>. Acesso em: 08 maio 2025.
- CAMPANY, L. N. DA S.; AMARAL, D. M.; DOS SANTOS, R. N. O. L. HIV/aids no Brasil: feminização da epidemia em análise. **Revista Bioética**, v. 29, n. 2, p. 374–383, abr. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422021292475>. Acesso em: 8 de maio. 2025.
- NIEROTKA, R. P.; FERRETTI, F. Condições de vulnerabilidades de pessoas idosas vivendo com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV). **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e220290, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.220290>. Acesso em: 8 de maio. 2025.
- GOULART, M. S. *et al.* Perfil epidemiológico de pacientes com HIV/AIDS no município de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro. **Revista de Saúde Coletiva da UEFs**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e7347, 2021. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/7347> Acesso em: 9 maio 2025.
- TEIXEIRA, LG; CHAGAS, BLF; ALVES, FS; PADRON, GMS; RIBEIRO, J. da C.; DO AMARAL, RC; ORSOLIN, PC; JÚNIOR, VP do N. O perfil epidemiológico da AIDS no Brasil / O perfil epidemiológico da AIDS no Brasil. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, [S. l.], v. 1, pág. 1980–1992, 2022. DOI: 10.34119/bjhrv5n1-174. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/43504>. Acesso em: 9 maio 2025.
- UNAIDS. **Confrontando desigualdades: lições para o mundo após a COVID-19 e para acabar com a AIDS**. Relatório Global do UNAIDS, 2021. Disponível em: <https://www.unaids.org/pt/resources/documents/2021/2021-global-aids-update>. Acesso em: 8 maio 2025.